

Educação em saúde e jornalismo operativo: articulações teórico-metodológicas

Health education and operational journalism: theoretical-methodological articulations

Educación en salud y periodismo operativo: articulaciones teórico-metodológicas

Ana Paula Machado Velho^{1,2,a}

anapaula.mac@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-9423-6716>

Sonia Cristina Vermelho^{3,b}

cristina.vermelho@gmail.com | <http://orcid.org/0000-0003-2205-8070>

¹ Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR, Brasil.

² Centro Universitário Cesumar, Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde. Maringá, PR, Brasil.

³ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Ciências da Saúde, Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

^a Doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

^b Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Resumo

O artigo relata pesquisa-ação realizada em Maringá (PR), Brasil com objetivo de enfrentar a epidemia de dengue cuidando do ambiente. A partir dos conceitos de mobilização social, jornalismo operativo e educação em saúde, desenvolvemos ações na região metropolitana de Maringá, no bairro do Borba Gato infectado pela dengue. A ação foi realizada com graduandos de jornalismo e pesquisadores da área de promoção da saúde numa escola pública de ensino fundamental. Nas oficinas comandadas pelos pesquisadores, os alunos produziram materiais, mais tarde utilizados pelos graduandos na ação de mobilização contra a dengue no bairro. Na avaliação dos graduandos, a ação de comunicação e educação em saúde, na forma de jornalismo operativo, foi eficaz para aproximar cidadãos e produtores de conteúdo e, juntos, buscar melhorias nas condições do ambiente.

Palavras-chave: Comunicação em saúde; Educação em saúde; Dengue; Jornalismo ambiental; Participação comunitária; Jornalismo operativo.

Abstract

The article reports action research carried out in Maringá (PR), Brazil with the objective of facing the epidemic of dengue taking care of the environment. From the concepts of social mobilization, operational journalism and health education, we developed actions in the metropolitan region of Maringá, in the Bairro do Borba Cat infected by dengue. The action was carried out with journalism graduates and researchers in the area of health promotion in a public elementary school. In the workshops led by the researchers, materials were produced by students and used by undergraduates in the mobilization action against

dengue in the neighborhood. In the evaluation of undergraduates, the action of communication and health education in the form of operational journalism was effective in bringing citizens and producers of content closer together and seeking improvements in the conditions of the environment.

Keywords: Health communication; Health education; Dengue; Environmental journalism; Consumer participation; Operating journalism.

Resumen

El artículo relata investigación-acción realizada en Maringá (PR), Brasil con el objetivo de enfrentar la epidemia de dengue cuidando el ambiente. A partir de los conceptos de movilización social, periodismo operativo y educación en salud, desarrollamos acciones en la región metropolitana de Maringá, en el Barrio del Borba Gato infectado por el dengue. La acción fue realizada con graduandos de periodismo e investigadores del área de promoción de la salud en una escuela pública de enseñanza fundamental. En los talleres comandados por los investigadores, fueron producidos materiales por los alumnos y utilizados por los graduandos en la acción de movilización contra el dengue en el Barrio. En la evaluación de los graduandos, la acción de comunicación y educación en salud, en forma de periodismo operativo, fue eficaz para acercar a ciudadanos y productores de contenido y, juntos, buscar mejoras en las condiciones del ambiente.

Palabras clave: Comunicación en salud; Educación en salud; Dengue; Periodismo ambiental; Participación comunitaria; Periodismo operativo.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Contribuição dos autores:

Concepção e desenho do estudo: Ana Paula Machado Velho

Aquisição, análise ou interpretação dos dados: Ana Paula Machado Velho e Sônia Cristina Vermelho

Redação do manuscrito: Ana Paula Machado Velho e Sônia Cristina Vermelho

Revisão crítica do conteúdo intelectual: Sônia Cristina Vermelho

Declaração de conflito de interesses: Este trabalho não apresenta conflito de interesses

Fontes de financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)

Considerações éticas: esta pesquisa cumpriu com as exigências da ética em pesquisa.

Agradecimento/Contribuições adicionais: não há.

Histórico do artigo: Submetido: 20.maio.2016 | Aceito: 07.maio.2018 | Publicado: 29.jun.2018

Apresentação anterior: não houve.

Licença CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (download), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

Introdução

Este artigo relata o desenvolvimento de ações que se mostraram eficazes num projeto de intervenção em educação em saúde, utilizando tecnologias e estratégias contemporâneas de comunicação e informação. A ação realizada em 2015 fez parte da pesquisa de pós-doutorado de título “A teatralidade cotidiana dos softwares sociais: proposta para uma dinâmica de ativismo em saúde” vinculada ao Laboratório de Pesquisa em Arte e TecnoCiência da Universidade de Brasília (UnB). Nosso objetivo na pesquisa era analisar as possibilidades da ação de jornalistas como mobilizadores, como agentes de transformação de cidadãos em atores sociais, contribuindo para que estes se tornem responsáveis pela própria qualidade de vida, com mudança de hábitos em relação a si próprios e ao ambiente enfermo que as cidades apresentam.

Considera-se como sinal de enfermidade urbana a epidemia de dengue e de outras doenças transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti*, que assola o Brasil, e que está intimamente ligada às questões do ambiente da cidade. Se há problemas no espaço, podemos considerar que a Paisagemⁱ está enferma e carece de cuidados. Os sintomas desta enfermidade se manifestam fisicamente nos bolsões de lixo, na falta de saneamento em muitas cidades, no descaso com os cuidados com a saúde pública.

A qualidade do espaço interfere no bem-estar do cidadão. O próprio conceito de saúde hoje defendido mundialmente e ratificado pelo Sistema Único de Saúde (SUS), no Brasil, é que esta é “[...] o resultado de complexas redes causais que envolvem elementos biológicos, subjetivos, sociais, econômicos, ambientais e culturais que se processam e sintetizam na experiência concreta de cada sujeito singular, de cada grupo em particular e da sociedade em geral”¹.

Se o sujeito se constitui, influencia o espaço e por ele é influenciado, urge criar situações e práticas que promovam um engajamento do cidadão no processo de cura e cuidado com a paisagem. Como mediador desse processo de engajamento e cuidado, recorreremos à figura do jornalista/comunicador como ativista e promotor de discussões sobre a qualidade do espaço onde a comunidade reside.

Com esse entendimento, realizamos uma pesquisa participante numa escola pública estadual na cidade de Maringá (PR), localizada no bairro do Borba Gato, com a participação de oito graduandos de jornalismo, vinte e dois alunos do ensino fundamental, segundo ciclo, e dois pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde. O objetivo da pesquisa foi analisar o potencial da ação do ‘jornalista operativo’ numa prática de educação em saúde com estudantes do ensino fundamental. Nesse artigo analisamos o resultado da ação em relação aos graduandos de jornalismo, especificamente quanto à possibilidade dessa forma de fazer o jornalismo levar a uma postura ativa, engajada do profissional em relação aos problemas da sociedade, especialmente na área da saúde com a perspectiva da educação em saúde para sustentar os processos de aproximação e de coleta de dados junto à comunidade. Com isso, esperamos que a produção jornalística se torne uma comunicação em saúde comprometida com a saúde pública e com a educação em saúde transformadora.

Jornalismo operativo e educação em saúde

A premissa que orientou essa investigação foi que, contemporaneamente, o jornalista deve passar de um mero reprodutor de notícias e produtor de conteúdos frios para se engajar junto à comunidade na mobilização e cuidado com o espaço em que ele atua. O conceito é do jornalista operativo²⁻³, considerando o papel das redes informáticas no ciberativismo. O que se propõe é que os sistemas operacionais e interfaces com protocolos de acesso livre, mecanismos de busca, entre outros aparatos técnicos, podem ser usados

i Utilizamos o termo “paisagem” pois remete às discussões e produções do Laboratório de Pesquisa LART/UnB no campo da Arte e TecnoCiência. Para mais detalhes, consultar: Domingues D, Lucena T. Reingeniería de la vida urbana: público y privado integrados en las tecnologías móviles. Disponível em: <http://neomedialab.net/es/reingenieria-de-la-vida-urbana-parte-1/>. Acesso em 19 mar. 2013.

para “[...] práticas colaborativas de ativismo cultural digital na rede, ou ciberativismo. Nesses ambientes, marcados pela reciprocidade e colaboração, consumidores se tornam produtores, e produtores consumidores, leitores escritores e escritores leitores”³. Neste sentido, entendemos que a tecnologia das redes digitais extrapolam o ambiente digital para operar numa mudança das práticas nos espaços urbanos concretos, constituindo o que denominamos espaços biocíbridos⁴.

Essas questões, em relação ao processo de produção discursiva sobre o mundo, têm sua origem no texto de Walter Benjamin⁵ de meados do século passado. No texto “O autor como produtor”⁵, ele discute o papel do jornalista como diretor da atividade artística e cultural com o desejo de mudança social, pois suas reflexões estavam relacionadas à posição que uma obra mantém no contexto das relações sociais de produção de sua época. Essa perspectiva foi incorporada na atualidade ao uso da tecnologia, apostando que estaríamos vivendo um processo de reengenharia social, pois o aparato tecnológico da atualidade pode ser direcionado para fins sociais, com “usos criativos de sua força produtiva [de maneira] que possam favorecer relações sociais. O produtor precisa agir como um engenheiro e usar criativamente o aparato para ativar relações em ambientes centrados no engajamento dos membros da comunidade”³.

A reengenharia da cultura² para o jornalismo coloca o desafio de desenhar a atividade deste profissional numa perspectiva cultural, propondo que o jornalista ‘mergulhe’ na comunidade, mobilize a população para agir em direção a buscar transformações sociais. Em sua atuação na comunidade, o jornalista passa a ser ‘operador’ do desenvolvimento de novas habilidades no cidadão, dando-lhes oportunidades de voz e de ação com vistas a modificações que podem estar relacionadas ao espaço, à paisagem, à sua saúde, ao ambiente, à educação ou a qualquer outro tema sensível à comunidade.

É neste marco teórico da reengenharia da cultura, que busca atuar na reorganização das relações sociais, que se propõe o jornalismo operativo. Esta área do jornalismo mistura as técnicas de apuração jornalística com o olhar do antropólogo sobre culturas, povos e comunidades diferentes. Ou seja, é um encontro singular que procura apreender o ponto de vista dos indivíduos de algum lugar, “seu relacionamento com a vida, sua visão de seu mundo”⁶, que é uma das marcas distintivas do empreendimento antropológico. É o encontro com um “outro” por intermédio de um trabalho de campo, em que o observador deve apreender o ponto de vista do observado. É uma prática jornalística com elementos da etnografia, por meio de um registro descritivo da vida e das organizações sociais.

Esse tipo de jornalismo⁶⁻⁷ busca uma modalidade de cobertura mais preocupada com as vivências e interesse dos leitores. Para Neveu⁷, há uma percepção de que se espera que as informações estejam mais próximas em relação ao cotidiano das pessoas; por isso defende que se amplie essa forma de fazer jornalismo, ou seja, que passe a existir um relacionamento mais próximo entre repórteres, as pessoas e os fatos que ele pesquisa. A responsabilidade social do jornalismo e a defesa do interesse público não podem se resumir a fornecer as informações que supostamente interessam ao público, repousa no jornalismo a obrigação moral de deixar antever a multiplicidade de opiniões da sociedade.

Tal perspectiva possibilita a construção de um contexto sobre a alteridade, ao permitir uma correspondência entre a experiência do público e o cotidiano retratado pelo jornalista. A construção da narrativa, neste caso, recorre a fontes e informantes, identificados como aqueles que podem fornecer informações confiáveis sobre o evento observado.⁵

A perspectiva do jornalismo operativo traz o olhar da antropologia, pois essa se apegava profundamente à observação, mas também ao discurso; o jornalismo constrói suas narrativas tomando como base principalmente o discurso tecido pelos envolvidos, mas enquanto a antropologia identifica como fator determinante de seu trabalho a subjetividade oriunda das relações do confronto/encontro, o jornalismo apegava-se à noção de que há uma objetividade possível no relacionamento com suas fontes⁷.

Numa relação de proximidade de campo de atuação, a área da educação em saúde também procura atuar junto à comunidade na perspectiva de transformação social. A Educação e Saúde é um campo interdisciplinar

que articula conhecimentos provenientes das ciências humanas, ciências da saúde e ciências sociais para o desenvolvimento de práticas intersetoriais.

A constituição desse campo reveste-se de disputas em torno de projetos de sociedade e de saúde pública. Historicamente a relação entre a educação e a saúde passou por mudanças dependendo do agente do processo educativo. Entre os anos 1920 até 1961, existiram os chamados ‘educadores sanitários’, que inicialmente eram professores primários com formação específica como ‘agentes sanitários’. Posteriormente outros profissionais de saúde formados para atuar como educadores sanitários passaram a desenvolver práticas educativas nas escolas, nos serviços de saúde, nas comunidades, tanto com ações individuais quanto coletivas⁸. A partir dos anos 1980, no bojo das transformações críticas que a educação e a saúde passaram, consolidou-se um esforço dos profissionais das áreas em reconstruir uma educação em saúde sobre novas bases conceituais, teóricas e metodológicas^{9,10}.

Neste contexto, o campo da educação em saúde em sua vertente mais tradicional dos primeiros períodos esteve atrelado à ideia do controle do modo de vida das pessoas pelo Estado, no sentido de adaptar os indivíduos à ordem social vigente. Neste sentido, são discursos e práticas autoritárias do Estado para a sociedade ditando normas que a população deveria seguir, com a finalidade de garantir a melhoria da qualidade de vida. De acordo com estas concepções, a finalidade do trabalho dos profissionais de saúde, como ‘detentores do saber científico’, seria fornecer orientações, instruir sobre autocuidado para a prevenção de doenças e demonstrar técnicas de higiene para criação de hábitos saudáveis. Nesta concepção⁸, a educação em saúde é “[...] tomada por um dever e depende de um querer fazer; portanto pode ou não ocorrer”.

Contraopondo-se a essa concepção, a partir de um entendimento de educação como um fenômeno constitutivo das relações sociais, a educação em saúde é compreendida como “[...] mediação de relações sociais com a totalidade, relações essas que se concretizam nas práticas de saúde”¹¹. A partir dessa concepção, o autor propõe que o fenômeno educativo seja apreendido a partir de cinco elementos: 1) as instituições pedagógicas em que ocorrem, podendo ser caracterizadas como formais e não-formais; 2) os agentes, no caso os profissionais e a população; 3) as ideias, cujo conteúdo pode ser compreendido no âmbito das representações, das imagens, dos significados, das políticas de saúde, dos conflitos e as formas de superação ou enfrentamento; 4) os materiais usados nas práticas e; 5) os rituais pedagógicos, os formais que acontecem a partir da racionalidade dos locais de serviço e os não-formais que compreendem a rede de relações que se constroem à margem do discurso e das práticas oficiais.

Os embates em torno do que fazer em Educação em Saúde prosperam, sendo um campo em permanente disputa entre os agentes do processo: os profissionais vivem uma realidade, a população outra, e o Estado igualmente.

Nesta investigação adotamos a perspectiva da educação em saúde em que o saber popular é tido como um conhecimento relevante capaz de solucionar problemas de saúde, pois a cultura popular não pode e nem deve ser desvalorizada e negada pela hegemonia do saber científico. Espera-se que o profissional de saúde, como educador, nas práticas tradicionais compreenda que a construção do conhecimento no processo educativo se dá na forma dialógica¹², produzido não só por aqueles que ensinam, mas coproduzido, por meio do diálogo, também por aqueles que aprendem. Como dizia Paulo Freire^{13,14}, em todas as práticas educativas, o conhecimento nasce, desenvolve e se transforma, na medida em que as pessoas pensam e refletem de forma conjunta sobre a experiência concreta vivida^{13,14}.

Neste sentido, profissionais da saúde, da educação e da comunicação podem ser agentes de transformação social quando se colocam, de maneira combinada, para atuarem frente aos problemas sociais, buscando práticas que colocam as necessidades dos sujeitos em relevo e passam a operar com práticas colaborativas para a transformação social.

Foram essas questões e perspectivas teóricas que orientaram a proposição da pesquisa aqui relatada, cuja meta era, entre outras, pensar a humanização da cobertura jornalística, usando a ‘lente etnográfica’,

inserida num ambiente em que a tecnologia móvel pudesse ser usada em prol da comunidade. A ação descrita neste texto procurou fazer com que seus atores, estudantes, jornalistas em formação e pesquisadores, mergulhassem em percursos pelo espaço urbano e elaborassem produtos de mídia, recriando esses lugares, suas personagens e seus hábitos a partir de textos, sons e imagens. Para essa experiência física da vida na cidade e para a criação colaborativa de narrativas foram usados celulares, *tablets*, máquinas fotográficas e filmadoras. Destes objetos surgiram narrativas que foram compartilhadas com outros participantes da cidade, por meio da disponibilização em *softwares* sociais, proporcionando que fossem revividas e recontadas pelos fluxos no espaço físico da cidade e no ciberespaço (ciber+híbrido)¹⁵.

O contexto da ação

A proposta da pesquisa-ação foi acionar e analisar o processo de interação dos alunos do quarto ano de jornalismo com os cidadãos para transformar questões do cotidiano numa produção de textos, imagens, som; numa mediação com os cidadãos entendendo-os como atores sociais. O foco de discussão foi a dengue. A cidade de Maringá, no Noroeste do estado do Paraná, foi uma das que mais sofreram no estado com a epidemia de dengue que assolou o país nos últimos anos. De acordo com dados da Secretaria Municipal de Saúde, em 2007 foram 5.680 casos confirmados. Desde 2010 o problema só aumenta e, em 2013, mais 11 municípios do Noroeste do Paraná registraram epidemia de dengue. Esse cenário se repete desde então, mesmo nos meses mais frios, quando é comum que a epidemia abrande.

No Levantamento de Índice do mosquito *Aedes aegypti* – LIRA, de março de 2014, o índice geral de infestação do mosquito nos bairros da cidade foi de 2,4%, em 2015 foi de 2,2%, 2016, 0,9%, 2017, 3% e 2018, 3,6%. O recomendado pela Organização Mundial da Saúde é de 1,0%; isto é, de cada cem casas visitadas apenas uma deveria apresentar foco do mosquito transmissor. Segundo outro levantamento, realizado de junho a novembro de 2014, houve 7.466 notificações, 3.596 casos confirmados e três mortes por dengue em Maringá. Em 2017, de agosto a dezembro foram 1.148 casos só na cidade de Maringá. O LIRA apontou, ainda, que o lixo e outros resíduos continuam sendo os principais criadouros do mosquito, com 63,2% dos pontos localizados no levantamento. Entre os principais criadouros aparecem, na sequência, os pratinhos de vasos de plantas, barris e tinas, pneus e depósitos fixos. Segundo o relatório, se as pessoas cuidassem do lixo e eliminassem os pratos dos vasos de plantas, 80% dos focos seriam eliminados. Vê-se que são questões que estão dentro das residências e exigem a mobilização das pessoas.

Isso levou à pergunta: como o comunicador poderia agir para transformar cidadãos em ativistas da saúde por meio de ações educacionais promovidas pelo jornalismo operativo? Para responder a essa pergunta, delinhamos uma ação na comunidade, na linha da reengenharia social, mobilizando graduandos de jornalismo, alunos de uma escola de ensino fundamental e pessoas de uma comunidade numa das regiões mais atingidas pela dengue em Maringá: o bairro do Borba Gato. Dentre as atividades, foram realizadas oficinas com os alunos na escola, produção de material informativo, ações de mobilizações e atuações *in loco*, ou seja, na comunidade atingida pela dengue. A escolha da escola deu-se em função desta estar sediada no bairro escolhido (Borba Gato) e por ter obtido aprovação e autorização da direção da escola para realização das atividades com os alunos. O bairro do Borba Gato é bastante incidente pela dengue devido, especialmente, à existência de uma Unidade de Conservação Florestal no local, “Parque Borba Gato”¹⁶. O parque possui 76.540 m², com remanescente de vegetação florestal nativa de várias espécies¹⁷ e fauna de animais silvestres, como marsupiais, roedores e, especialmente, macaco-prego, contemplando área de lazer e parquinho infantil. Está situado à rua Primavera, próximo ao anel viário, e atualmente encontra-se em situação precária¹⁷. O local favorece a proliferação de flebotomíneos, devido ao acúmulo de lixo orgânico e doméstico e alta umidade do solo¹⁸.

O grupo foi à rua

A ação contou com duas etapas: uma de investigação e outra prática. Em primeiro lugar, com o objetivo de conhecer a comunidade do Borba Gato e seu entorno – visto que conhecer o Outro em seu ambiente é fundamental para o jornalismo com viés etnográfico – fizemos um conjunto de oficinas com alunos de uma escola pública do bairro. Essa interação possibilitou a equipe a compreender aspectos do contexto social e cultural do bairro, as práticas de uso das tecnologias móveis, os espaços e as práticas de uso do espaço público, bem como o contexto da escola do bairro.

Para a primeira etapa, realizamos um contato com a vice-diretora da escola que convidou a professora da disciplina de Ciências para que fosse intermediária durante a ação. A professora de ciências tinha histórico na comunidade na realização de intervenções com os alunos e nos contou algumas delas, inclusive a realização de passeatas para conscientização dos alunos e moradores do bairro sobre os cuidados necessários para se evitar a dengue. Durante as conversas, soubemos que um dos motivos do envolvimento dela com a temática foi que o pai teve dengue e ficou muito mal. A partir deste momento, ela se viu envolvida com o problema.

Definimos em conjunto com a escola os dias e horários das oficinas com os alunos do 9º ano do ensino fundamental. Depois de apresentar os objetivos da pesquisa aos alunos, a equipe procurou conhecer o perfil dos estudantes e a vivência deles com a tecnologia móvel e com a dengue. Debateu-se sobre a situação da dengue naquela comunidade, o bairro do Borba Gato. O momento mais rico foi o debate com a turma sobre duas alunas que tiveram a doença. As duas estavam presentes e reforçaram as informações sobre o desconforto físico e a convalescência da doença. Houve, ainda, relatos de casos com familiares. Frisamos aos estudantes o fato de que o motivo que levou o grupo de pesquisadores a realizar o projeto foi que as propagandas públicas, por si só, não vinham dando conta de modificar os dados sobre a epidemia de dengue em Maringá. Era preciso que se descobrisse uma forma de fazer com que a população se mobilizasse, começasse a mudar seus hábitos e, assim, diminuir os focos do mosquito transmissor. Para tanto, a equipe os estava convidando a construir alternativas para transformar essa realidade.

Na segunda oficina, as atividades começaram com os estudantes decidindo por criar uma equipe contra a dengue. Estavam presentes 22 alunos, e foi proposto que sugerissem estratégias que pudessem ser usadas na comunidade para envolver os cidadãos no combate à dengue. Os resultados foram muito criativos e plurais. Na construção dessas ações na escola, procuramos ir além da educação dita tradicional em que o saber popular não é considerado como um conhecimento relevante capaz de solucionar problemas de saúde. Conforme discutido anteriormente, procuramos construir uma compreensão junto com os alunos de que os problemas de saúde não podem ser compreendidos de forma isolada, como se os sujeitos fossem independentes do ambiente e das relações sociais determinadas pela cultura em que vivem. Esta individualização, que consideramos uma abstração conceitual fragmentada, termina por difundir a ideia de que os sujeitos são os únicos culpados pela sua situação de saúde, desconsiderando as relações sociais de produção que determinam socialmente a vida dos indivíduos. Nesse sentido, consideramos que a atuação do jornalista no campo da comunicação e educação em saúde é a de promover ações em que o contexto e o saber popular sejam considerados nas práticas jornalísticas-educacionais em saúde⁹.

As provocações aos alunos os levaram a produzir ideias que envolviam jogos interativos, novas tecnologias para a eliminação do mosquito e de suas larvas, gravação e compartilhamento de vídeos e fotos por meio de aplicativos disponíveis via celular e internet, além da organização de manifestações físicas *in loco* para divulgar e conscientizar as pessoas sobre a prevenção da dengue. Esse espaço de discussão com os alunos da escola de um dos bairros mais atingidos pela dengue em Maringá nos trouxe informações importantes para pensar a ação educativa do comunicador na perspectiva do jornalismo operativo.

Na análise das atividades com o grupo de alunos, os graduandos com os pesquisadores observaram que, apesar de ser um bairro considerado de classe média baixa, a inserção da tecnologia de celular e internet

entre os alunos foi alta. Isso foi mensurado nas oficinas realizadas com os estudantes, oportunidade em que perguntamos se eles tinham acesso a rede de relacionamentos e a quais delas. Isso nos forneceu um dado importante sobre a comunidade para a qual as ações de combate à dengue seriam pensadas em relação aos veículos e canais de comunicação que poderiam ser utilizados.

Depois dessas oficinas com os alunos, das idas à comunidade do Borba Gato e seu entorno, por meio da convivência com os estudantes, os graduandos de jornalismo planejaram uma mobilização no bairro, seguindo as indicações dos alunos da escola, transformando as ideias deles em placas, adesivos, cartazes e fôlderes (Figuras 2 e 3), criados especialmente para fazerem parte de uma intervenção no bairro do Borba Gato. Os alunos da escola, que criaram as propostas dos materiais, foram convidados para a mobilização, mas, por razões que não pudemos identificar, acabaram não comparecendo ao evento. Esse aspecto frustrou a equipe de pesquisadores, mas também nos trouxe o aprendizado de que alcançar o envolvimento de vários grupos na sociedade requer uma construção mais duradoura, pois não bastaram ações pontuais, como as oficinas com os alunos, para que eles se sentissem efetivamente comprometidos a comparecer no dia da mobilização. Contudo, são questões que merecem uma maior investigação para entender o que ocorreu.

Na mobilização, oito alunos de graduação de jornalismo e três professores passaram o dia no bairro, percorreram as ruas, procurando se envolver ao máximo no cotidiano dos moradores. Um grupo conversou com idosos, com crianças e com pessoas que se destacavam na comunidade (Figura 1). A ideia era fazê-los protagonistas dos registros sobre o drama da dengue no bairro, utilizando as estratégias propostas pelos adolescentes da escola.



Figura 1 – Moradora e crianças, no bairro do Borba Gato, Maringá (PR), durante depoimento no dia da ação contra a dengue
Fonte: foto das autoras.



Figura 2 – Placa produzida para ação contra a dengue no bairro do Borba Gato – Maringá (PR), inspirada nas propostas dos alunos da escola.
Fonte: relatório de pesquisa das autoras.



Figura 3 – Placa produzida para ação contra a dengue no bairro do Borba Gato – Maringá (PR), inspirada nas propostas dos alunos da escola.

Fonte: relatório de pesquisa das autoras.

Os graduandos de jornalismo fizeram pequenos vídeos com conteúdos relacionados ao tema a partir dos depoimentos de moradores e das atividades lúdicas realizadas com crianças do bairro no Centro Social. Durante as caminhadas pelo bairro, foram usados aplicativos móveis que mostraram locais de possível infestação, inclusive com as coordenadas geográficas. Os vídeos foram alocados em um [canal no Youtube](#) e no grupo aberto do Facebook, que leva o nome dado pelos alunos da escola: Tecnodengue. Por fim, cada aluno de jornalismo redigiu um texto de cunho reflexivo, que está disponível numa plataforma desenvolvida para a produção de webjornalismo, no site [Midiamania](#).

Análise

Para este artigo, colocamos o foco da análise sobre o processo de interação dos alunos de jornalismo com a comunidade numa ação que os colocou na condição de jornalistas operativos.

Na iniciativa do projeto Tecnodengue, os dispositivos móveis e seus aplicativos foram utilizados pelos jornalistas, pesquisadores e pela comunidade para gravar e compartilhar casos sobre a dengue, numa narrativa de gênero documental. O conteúdo gerado na interação com a comunidade também teve o caráter de denúncia e de relato oral de moradores, que se protegem da doença com diversas alternativas que, até então, não haviam sido relatadas formalmente.

Os moradores assumiram o papel de produtores de notícia, acompanhando os jornalistas pelo bairro, apresentando pessoas que já haviam tido dengue e até apontando casas e locais públicos onde poderia haver focos do mosquito. Também aceitaram ser protagonistas das histórias que foram registradas pelas câmeras e celulares, usando os próprios dispositivos para apoiar a construção das narrativas jornalísticas. Em relação ao processo mais comumente utilizado em que o jornalista vai até a fonte para pesquisar os conteúdos para produzir a matéria, nessa experiência, a inserção no espaço precedeu esse momento, a produção do conteúdo veio depois de uma vivência no espaço.

No que diz respeito à própria prática jornalística com viés antropológico, os relatos dão fortes indícios de que um jornalismo comprometido com a sociedade, que vá além da notícia, é bastante estimulado quando o profissional tem a possibilidade de ter experiências locais. As informações que recebem são inseridas num conjunto de outras informações obtidas pela experiência do jornalista. Uma graduanda destacou que

“de início, nós abordávamos os moradores pelo modo ‘jornalista de ser’, o que não deu muito certo. A frase: ‘Olá, sou estudante do quarto ano de Jornalismo, blá blá blá...’; sempre recebia a mesma resposta: “não tenho nada ‘pra’ falar não...” Com o tempo e lembrando do que vimos sobre o jornalismo operativo, a ação precisou ser outra. Percebemos que abordar as pessoas de uma forma menos formal, jornalisticamente falando, deixaria o entrevistado menos desconfiado. Nesta ação, ‘Como a senhora cuida do seu quintal?’, ‘O que o senhor faz ‘pra’ viver livre de dengue?’, e ‘A senhora já ficou ‘dengosa?’ foram as abordagens que obtiveram mais sucesso” (M1).

Outra graduanda fez o seguinte relato:

“O foco era o entrevistado e não os entrevistadores. Foi uma experiência única, em que foi possível ouvir mais e oferecer um espaço maior às pessoas que tinham tanto o que falar. Deixar a história se desenrolar naturalmente proporcionou para nós outra expectativa de como ficaria o material final. No meu caso, o personagem principal foi uma criança de apenas 10 anos de idade que conseguiu sozinho nos fornecer e conduzir uma história cheia de reviravoltas as quais eu não esperava. Foi surpreendente ainda todo o sentimento despertado em mim durante a visita. De compaixão, revolta e comprometimento. O sentimento de querer e fazer algo por aqueles moradores era grande porque o meu envolvimento pelo fato foi mais para o lado pessoal do que profissional” (M2).

Outra graduanda escreveu que foi extremamente enriquecedor. Lembrou que a área de estudo da comunicação trata dos aspectos do ser humano como indivíduo e como ser social,

“o que pressupõe que estude a vida, os conflitos e os tempos do ser humano. Durante a faculdade, tivemos diversas oportunidades para que este contato pudesse acontecer. Mas este contato com a comunidade nos ajudou a fortalecer nosso vínculo com as pessoas e com este jornalismo que propõe a todo o momento contar histórias, conhecer casos e prestar serviço. Um jornalismo que não se encarrega somente de denúncias e do “lado ruim” do ser humano, mas de mostrar ao outro que, em cada canto do mundo, há alguém que vive uma história, talvez diferente, talvez igual a nossa. Com suas limitações, medos, angústias, felicidades, surpresas, emoções. Mas, com certeza, algo muito importante e que deve ser conhecido, buscado, relatado, contato e vivido” (M3).

Esses relatos são de jornalistas em formação que mostraram o quanto pode ser enriquecida a prática profissional do jornalista com o uso de estratégias de abordagem etnográfica, não só para a comunidade em que irá atuar, mas também para o profissional que nela se insere. Podemos inferir que é mergulhando no problema e no fato que o comunicador pode agir e transformar cidadãos em ativistas da saúde.

Pode-se perceber nas falas dos estudantes a relação entre a atuação deles no Borba Gato com as propostas do jornalista operativo, que mergulha na comunidade, a compreende e passa a agir de forma sinérgica com as características com as quais se depara, com os instrumentos que tem à disposição⁶.

Nesta ação, ainda que pontual, pudemos reconhecer aspectos que podem promover uma reengenharia da cultura, não só na ação de jornalistas em formação, adquirindo habilidades para a atuação profissional, mas na forma de compreender seu papel na comunidade e a subjetividade das pessoas com as quais se depara na prática cotidiana do jornalismo. Isso ficou muito forte nos depoimentos que os graduandos deram após a experiência.

Os professores que participaram da ação também declararam que sair da sala de aula e reconhecer a realidade do problema (dengue), *in loco*, proporcionou aos alunos uma experiência para estimular a sensibilidade necessária à elaboração de textos e outros produtos de maneira mais conscienciosa, visto que o contato com o ambiente deixou neles uma ‘verdade’ que não se apreende nas redações ou na produção cotidiana do *hardnews* (M4), em que o tempo não permite o mergulho na essência dos acontecimentos. Além disso, ficou claro para os professores a necessidade de aproximar os estudantes de metodologias mais humanizadas na forma de lidar com os fatos, estratégias que possam levar os futuros jornalistas a experienciarem o cenário dos fatos que estão investigando de forma mais aprofundada.

Essa prática jornalística guarda profunda coerência com a educação em saúde com inspiração em Paulo Freire^{12,13}. Nessa experiência, o jornalista operativo se torna um educador que educa a si mesmo no processo dialógico com os demais sujeitos do processo, enquanto leva seu conhecimento para a sociedade de maneira colaborativa, numa construção coletiva visando a transformação social.

Considerações finais

Ao tentar responder à questão de como o comunicador pode agir para transformar cidadãos em ativistas da saúde, esta pesquisa-ação lançou mão da valorização da principal função do jornalismo e de uma nova abordagem da comunicação. Sob o primeiro aspecto, o grupo de pesquisadores refletiu sobre o jornalismo operativo, que

procura organizar seu discurso por meio das representações encontradas no ambiente em que atua. Nesse processo, lançou mão das tecnologias de comunicação que estão em sinergia com a contemporaneidade, no sentido de propor uma reengenharia do social. As oficinas, mobilizações e atuações *in loco* no cenário enfermo de uma das regiões atingidas pela dengue, em Maringá, o bairro do Borba Gato, tiveram como combustível o diálogo, o lúdico e a conscientização a partir das práticas encontradas na própria comunidade.

Assim, o comunicador-educador ativo, ou operativo³, é o ator que pode estimular a mobilização da comunidade para a melhoria da qualidade de vida. É agindo no ambiente da cidade, junto com os cidadãos, que ele se constrói como agente transformador, sensibilizando e encorajando a população a alcançar seus objetivos.

Do ponto de vista educacional, consideramos que essa experiência do jornalismo operativo possibilitou relacionar áreas distintas: comunicação, educação e saúde, na perspectiva de Paulo Freire, referente à Pedagogia Libertadora. Paulo Freire propunha uma educação que tem como princípio a construção dos conhecimentos e a criação de uma sociedade mais justa. Ele defendia que a educação deve estar ao lado das classes oprimidas, pela luta ao direito à liberdade e igualdade. Para isso, é fundamental entender que tanto o aluno quanto o educador, nesse caso, também o comunicador, devem dialogar entre si, pois todos ensinam e aprendem nos espaços de construção do conhecimento. Como já dizia Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”¹⁴.

Em função desse cenário, pensamos que é de extrema importância considerar o caminho da prática por meio de uma proposta de comunicação e educação em saúde participativa, na qual o conhecimento seja construído e não imposto por medidas tomadas por instâncias superiores. É necessária uma troca de conhecimentos e experiências, trabalhadas dialeticamente, não invalidando o saber técnico, nem subestimando o saber popular⁵⁻¹⁹, ou seja, numa concepção de Comunicação e Educação em Saúde crítico-reflexiva.

As práticas e discursos normativos, conteudista e cientificista, não necessariamente resultam em mudança de comportamento. Defendemos que as práticas em Comunicação e Educação em Saúde levem em conta as representações dos sujeitos, influenciados pela experiência coletiva, e admitam que elas e outros tipos de saberes devem estar presentes nos espaços de atuação do profissional de comunicação e da educação, numa “construção compartilhada de conhecimento”¹⁹.

Finalmente, consideramos promissora a prática de comunicação e educação em saúde, a partir do momento em que se buscou informações na comunidade, e esses dados foram trabalhados sob aspectos diversos e linguagens diversas. Desta forma, consideramos que esta pesquisa cercada de complexidade, de desafios, mas também de ineditismo, pela sua interdisciplinaridade, ao lidar com questões teóricas, conceituais e práticas das áreas das ciências humanas, sociais e biomédicas, apresenta alternativas metodológicas e tecnológicas para solucionar questões de saúde pública, relacionados a problemas de Comunicação e Educação em Saúde.

Referências

1. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Redes de produção de saúde [Internet]. Brasília; 2009 [citado em 2018 maio 23]. (Série B. Textos Básicos em Saúde). Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/redes_producao_saude.pdf
2. Cox G, Krysa J, editors. Engineering culture. Plymouth: Autonomedia; 2005. Introduction to “The author as (digital) producer”; p. 7-20.
3. Domingues D. Softwares sociais: o autor como produtor de ciberativismo cultural. Curitiba: ABCiber; 2007.
4. Domingues D. Cenários híbridos: átomos calmos em comunicação ubíqua e móvel por conexões transparentes. In: 2º Simpósio Nacional da ABCiber [Internet]; 2008 out 10-13; São Paulo. São Paulo: ABCiber; 2008. p. 1-25. Disponível em: <https://elmcip.net/critical-writing/cenarios-cibridos-atomos-calmos-em-comunicacao-ubiqua-e-movel-por-conexoes>. Acesso em: 14.06.2018.
5. Benjamin W. Magia, técnica, arte e política. 7 ed. São Paulo: Brasiliense; 1994. O Autor como produtor; p. 120-36.

6. Lago C. Ensinamentos antropológicos: a possibilidade de apreensão do outro no jornalismo. *Braz Journal Res* [Internet]. 2010 [citado em 2018 maio 23];6(1):164-78. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/download/253/252>
7. Neveu E. *Sociologia do jornalismo*. São Paulo: Loyola; 2006.
8. Melo JAC. *Educação e as práticas de saúde*. Rio de Janeiro: EPSJV; 2007.
9. Mohr A, Schall VT. Rumos da educação em saúde no Brasil e sua relação com a educação ambiental. *Cad Saude Pública* [Internet]. 1992 [citado em 2018 maio 23];8(2):199–203. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1992000200012>
10. Venturi T, Mohr A. *Análise da educação em saúde em publicações da área de educação em ciências*. Campinas: ABRAPEC; 2011.
11. Malhão A, Brasil I, Munck S, organizadores. *Trabalho, educação em saúde: reflexões críticas de Joaquim Alberto Cardoso de Melo*. Rio de Janeiro: EPSJV; 2007.
12. Freire P. *Extensão ou comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1969.
13. Freire P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1997.
14. Freire P. *Pedagogia do oprimido*. 36 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1970.
15. Domingues D, Lucena T. Reingeniería de la vida urbana: público y privado integrados en las tecnologías móviles. *Cibertronic Rev Artes Mediat la Univ Nac Tres Febrero* [Internet]. 2011 [citado em 2011 nov 2];7. Disponível em: <http://neomedialab.net/es/reingenieria-de-la-vida-urbana-parte-1/>
16. Arraes SMAA, Veit RT, Bernal MVZ, Becker TCA, Nanni MR. Leishmaniose tegumentar americana em municípios da região noroeste do estado do Paraná : utilização de sensoriamento remoto para análise do tipo de vegetação e os locais de ocorrência da doença. *Rev Soc Bras Med Trop* [Internet]. 2008 [citado em 2018 maio 23];41(6):642-7. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0037-86822008000600016>
17. Bovo MC, Amorim MCCT. Análise e diagnóstico dos parques urbanos em Maringá, PR. *Geo UERJ* [Internet]. 2011 [citado em 2018 maio 23];2(22):323-49. doi: <https://doi.org/10.12957/geouerj.2011.2466>
18. Teodoro U, La Salvia Filho V, Lima EM, Spinosa RP, Barbosa OC, Ferreira MEMC, et al. Observações sobre o comportamento de flebotomíneos em ecótopos florestais e extraflorestais, em área endêmica de leishmaniose tegumentar americana, no norte do estado do Paraná, sul do Brasil. *Rev Saude Pública* [Internet]. 1993 [citado em 2018 maio 23];27(4):242-9. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89101993000400003>
19. Gazzinelli MF, Gazzinelli A, Reis DC, Penna CMM. Educação em saúde: conhecimentos, representações sociais e experiências da doença. *Cad Saude Publica* [Internet]. 2005 [citado em 2018 maio 23];21(1):200-6. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2005000100022>